



**A literatura pelas lentes das biografias: José de Alencar,
Machado de Assis e Graciliano Ramos¹**

Simone Lima AZEVEDO²

Victor Israel GENTILLI³

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Dentre as biografias produzidas por jornalistas, destacam-se a de escritores. Esta pesquisa se debruça sobre a vida de autores consagrados como José de Alencar contada por Lira Neto, Machado de Assis em biografia de Daniel Piza e Graciliano Ramos por Dênis de Moraes. Embora todas tenham sido feitas por jornalistas, há diferenças substanciais no enfoque e na linguagem. Em todas, a mola propulsora é a relação de admiração do biógrafo por seu biografado. Mas a forma com que essa relação se dá no texto é completamente única. Entre liberdade criativa e acordos autorais, as três biografias supracitadas mesclam jornalismo, literatura e historiografia incorporando especificidades próprias de um gênero híbrido por natureza.

Palavras-chave

Jornalismo; história; literatura; biografias

Introdução

Antes de ser traduzida pelos historiadores, a história é feita por pessoas e suas histórias. José de Alencar, Machado de Assis e Graciliano Ramos são bons contadores de histórias. E produtores de história, cada um em seu tempo e a seu modo. Registrar, em densas biografias, as histórias de escritores como estes que de forma significativa retrataram, interpretaram, divulgaram e, sobretudo, compuseram a cultura brasileira, têm sido uma tarefa exercida por um novo perfil de autor: o jornalista.

E o que são as biografias? De acordo com Vilas Boas (2002), biografia é a reconstituição da vida de uma pessoa, em texto, apresentado como livro. Fazer jornalismo, contudo, é saber traduzir a história para públicos mais ou menos heterogêneos, mais ou menos fieis, mais ou menos apaixonados. E acima de tudo, “conquistar corações e mentes”. O jornalista precisa ter um texto fluente e agradável,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Graduanda do curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo, email: mone43cs@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, email: dgentilli@uol.com.br



simples e objetivo, divertido e emocionante. E são muitos os recursos explorados: o fio condutor, o foco narrativo, a cronologia do relato, a reconstituição de detalhes às vezes com recursos ficcionais, o uso de figuras de linguagem, *flashback*, e muitos outros.

Nessa pesquisa, estudamos o casamento destes três campos do conhecimento – jornalismo, historiografia e literatura –, as peculiaridades dessa união e a construção de um gênero que nasce híbrido mas que está em processo de construção de sua própria identidade e especificidade. “A narrativa biográfica [...] é um construto simbólico, híbrida por natureza” (VILAS BOAS, 2002, p. 15).

Uma das hipóteses que adotamos pressupõe que o fato dos jornalistas se apropriarem do gênero biográfico no Brasil, se deve à experiência de trabalhar com entrevistas e técnicas da reportagem, aliada à capacidade de escrever numa linguagem inteligível a um público leitor heterogêneo – em contraposição ao texto denso da academia que, inclusive, não é acessível à boa parcela da população. Como explica Vilas Boas, “o biógrafo, não menos que o romancista, busca a frase bem elaborada, a metáfora apropriada, o enfeite aliterativo. No ato da composição, o biógrafo de certa maneira é ilusionista – ele dá forma e ordem ao turbilhão da existência; cria a ilusão de uma vida que se desenrola” (2002, p. 113)

Examinamos os recursos utilizados pelos biógrafos para recriarem seus biografados e nos esforçamos em identificar separadamente as características próprias de cada esfera à qual pertence – jornalismo, literatura e historiografia.

“A verdade e a ficção tecem o realismo da biografia, e as formas de subjetividade contemporânea entrelaçadas na vida do biografado compõem um jogo de intervenções entre vários campos do saber: História, Semiótica, Filosofia, Literatura, Jornalismo e Psicologia” (VILAS BOAS, 2002, p. 38).

A primeira etapa desta pesquisa foi compreendida pela leitura atenta das biografias e a produção de diários de campo contendo observações quanto às fontes, origens e documentos; quanto ao uso de notas de rodapé; quanto à parcialidade ou imparcialidade predominante; quanto à linguagem; quanto à opção a tomar quando há diferentes relatos de um mesmo episódio; quanto às obras do biografado; quanto à estratégia que o autor usa nas narrativas de diferentes episódios e momentos da vida do biografado e quanto à homogeneidade da narrativa.



“Biografia é o biografado segundo o biógrafo”

Essa definição de Sergio Vilas Boas (2002, p. 11), embora pareça simplista, sintetiza o conceito de biografia tal qual a compreendemos nesta pesquisa. Biografia é a reconstituição da vida de uma pessoa, em texto, apresentado como livro.

“Biografia é uma narrativa de eventos: todo o restante resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver os eventos. A literatura e o jornalismo também não os fazem ressurgir; o vivido, tal como salta das mãos do historiador, do jornalista literário ou do ficcionista, não é o dos atores envolvidos nos eventos, mas vida dentro da narração” (VILAS BOAS, 2002, p. 68).

Ainda de acordo com o Vilas Boas, o biógrafo também fica impresso na biografia que escreve.

“Como a escrita da história é uma ‘verdade interpretada’ sobre o passado, a biografia também transporta a carga de seu autor, suas impressões pessoais, sua formação, sua história de vida, seus compromissos com a sociedade que o moldou e consigo mesmo. As matrizes de interpretação que compõem o biografado são as mesmas que compõem o biógrafo em seu próprio processo, com suas próprias máscaras” (VILAS BOAS, 2002, p. 136).

Narrar uma vida, portanto, não é simplesmente transpor para o papel acontecimentos dentro de uma linha do tempo. Uma biografia possui especificidades que a fazem ser um gênero único. É transdisciplinar, uma vez que engloba elementos da história, da literatura, da semiótica, da psicologia e do jornalismo. Contudo, as biografias escritas por jornalistas não são acadêmicas.

“Para realizá-la, o historiador precisa abandonar muito do que aprendeu; tem de sacrificar o caráter acadêmico a favor do leitor comum. Biografia não é obra que se destina a especialistas. Trata-se de um trabalho duro, pessoal, subjetivo, literário, híbrido. [...] a biografia é um gênero híbrido por natureza” (VILAS BOAS, 2002, p. 28).

As biografias de brasileiros ilustres escritas por jornalistas têm chegado de forma recorrente às livrarias e, em boa medida, alcançaram grande aceitação do público. De duas décadas atrás até os dias atuais, podemos listar mais de duas dezenas de biografias densas, com o perfil que estudamos nesta pesquisa, produzidas por jornalistas.

“Jornalistas importantes que se tornam biógrafos trazem para sua nova ocupação características já prontas que, para os acadêmicos especializados, surgem com menos naturalidade: eles já sabem obter informação difícil,



considerada sigilosa, sobre uma variedade de assuntos a partir de agências governamentais e instituições particulares; convencer fontes relutantes a falar; escrever de forma clara para leitores de todos os níveis e não só para acadêmicos; utilizar o processador de texto antes de vencer o prazo final para entrega do trabalho” (VILAS BOAS, 2002, p.26).

Acreditamos, contudo, que para adquirir o estatuto de biografável, geralmente, uma pessoa precisa possuir determinados atributos, como sua relevância nacional ou internacional e a repercussão que tenha alcançado sua obra, seja ela artística (literária, dramaturga, poética, musical, etc), política, social ou científica. Há exceções, entretanto, nas quais o biografado passa a ser conhecido por um público mais amplo depois da publicação de sua biografia. Contudo, José de Alencar, Machado de Assis e Graciliano Ramos fazem parte do primeiro caso. José de Alencar foi político, jornalista, funcionário público e crítico. Machado de Assis e Graciliano Ramos também exerceram mais de uma profissão e se destacaram com louvor. Mas foi como romancistas que todos eles adquiriram o reconhecimento que possuem até hoje.

As três biografias dissecadas aqui são parte desse fenômeno. Todas elas têm como fonte de informação básica um conjunto de dados do qual fazem parte entrevistas com praticamente todas as pessoas vivas que conviveram com os descendentes do biografado ou que tenham estudado ou trabalhado em suas obras, documentos como manuscritos, diários e cartas pessoais, bem como mergulho em acervos de jornais antigos.

As informações encontradas pelo biógrafo são o ponto crítico da criação de uma biografia. Reconstituir o passado através do presente é uma tarefa mais árdua do que possa parecer à primeira vista e esbarra nas limitações do jornalista. Embora utilize recursos da historiografia, o jornalista não é historiador.

Há ainda outro traço quase definitivo nas três biografias estudadas: o relato é sempre cronológico, embora todos abram um primeiro capítulo com um dos momentos mais simbólicos da vida do biografado, que melhor o descreve ou que direcione o leitor ao fio condutor escolhido pelo biógrafo. Como diferencia Vilas Boas, “em vez de linearidade, propõe-se uma continuidade cronológica, já que o biografado não pode, no seu presente, ser afetado ou alterado por algo que ainda não ocorreu ou alguém que ainda não conheceu” (2002, p. 116).

Lira Neto começa com um acalorado discurso de José de Alencar na Câmara dos Deputados, um dos últimos atos políticos do romancista. Além disso, é um dos fatos que melhor apresenta o recorte assumido pelo biógrafo: revelar o político para quem só conhece o Alencar romancista.



Dênis de Moraes, por sua vez, abre o livro narrando no primeiro capítulo o primeiro contato de Graciliano Ramos com a literatura e o intenso desejo de conhecimento do menino. Ao fazer a escolha desse episódio para iniciar a biografia, Denis delinea o propósito da obra: desenhar a fisionomia intelectual do romancista. E para tanto nada melhor do que ressaltar a atração que os livros e seus mistérios exerciam sobre o romancista.

Daniel Piza, seguindo a mesma linha, inicia narrando a morte de Machado de Assis. Essa escolha nos parece ser uma alusão a Memórias Póstumas de Brás Cubas, uma das obras de maior repercussão do romancista. Mas também pode ser uma referência à saúde frágil de Machado e à contradição que foi o prestígio que possuía em uma sociedade que estigmatizava e marginalizava pessoas com doenças como a epilepsia.

Mesmo assim, nas três biografias citadas, inicia-se com um momento decisivo na vida do biografado e, a partir daí, segue-se uma narrativa que se inicia no nascimento – ou na genealogia do biografado e o relato segue cronológico até a morte.

Identificamos ainda, quase que unanimemente, uma preocupação clara do autor com o texto, que deve ser fluente, de leitura agradável, que procure “fisgar” o leitor e segurá-lo no decorrer de toda a obra. Particularmente em função deste último item, o biógrafo recorre a certos recursos da ficção para reconstruir um diálogo, um momento especial da vida do biografado ou algo semelhante. Há certos pormenores e certos detalhes narrados de forma tão rica que fazem com que o leitor despreocupado assimile aquela informação sem questionar como poderia o biógrafo saber de todas aquelas minúcias. Acreditamos que esse recurso possa ser herança da tradição dos “contadores de história”. Os biografados são contadores e produtores de história e os biógrafos jornalistas são reprodutores de uma história que precisa ser contada. Vejamos um trecho da biografia de Graciliano Ramos como exemplo:

“Viçosa, Agreste alagoano, 1902. Ar abafado, poeira. Graciliano Ramos de Oliveira, dez anos incompletos, subia e descia a Ladeira da Matriz, quase em desespero. Estava atrás de coisas até então desconhecidas: aventuras, amor, vingança, justiça. Não fazia muito tempo que se alfabetizara – e por essas bandas não se escapava de aprender gramática e tabuada sem dar as mãos à palmatória. Com ele não fora diferente. Mas por que lembrar disso agora, quando percorria a ladeira sem saber se devia entrar na casa do tabelião Jerônimo Barreto?” (MORAES, 1996, p. 6).

Como Denis de Moraes poderia saber que Graciliano subia a ladeira em desespero? Como sabia que naquele exato dia o menino estava atrás de aventura, amor vingança e



justiça? Como pode afirmar que era o próprio Graciliano que estava recordando as lições à palmatória enquanto subia a ladeira? E como poderia saber se ele estava em dúvida se deveria entrar na casa do tabelião?

Assim como o trecho citado acima, há inúmeros outros com os mesmos recursos nas três biografias. Em José de Alencar por Lira Neto, o seguinte trecho levanta muitos questionamentos.

“1840. Tudo tinha que ser feito no mais absoluto sigilo. Sombras se esgueiravam no meio da noite, protegidas pela luz mortiça derramada dos postes acesos com o malcheiroso óleo de peixe. Um após outro, os vultos dobravam sorrateiros a esquina, em direção à rua do Conde, atual Visconde do Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro. Aqueles senhores, vestidos com roupas sóbrias e caras, haviam descido de luxuosas carruagens alguns quarteirões antes dali, nas imediações do Rocío Grande, hoje praça Tiradentes, e no Campo da Aclamação, atual praça da República. Para evitar que o tropel dos cavalos chamasse a atenção da vizinhança, faziam o resto do trajeto a pé, o rosto abrigado sob a aba negra da cartola” (NETO, 2006, p. 30).

Como Lira Neto poderia saber que as sombras se esgueiravam no meio daquela noite de 1840? E como ele saberia que os vultos dobravam a esquina sorrateiramente escondendo o rosto sob a aba da cartola? E como sabia que as roupas eram caras?

Em “Machado de Assis, um gênio brasileiro”, Daniel Piza utiliza um recurso que os outros dois biógrafos não adotaram nas biografias em questão: na ausência de registros sobre a infância de Machado, o biógrafo utiliza algumas suposições baseadas nas condições sociais e políticas da época e em referências a lugares e pessoas que o romancista fez em suas obras. Embora não sejam informações com garantia de veracidade, as conclusões do biógrafo são aceitáveis e ele deixa claro que são suposições, pois usa expressões do tipo: p. 54 e 55: “deve ter ido à escola”, “talvez tenha vendido balas”, “provavelmente fazia como Quincas Borba e Brás Cubas”, “deve ter sofrido doenças”, “aparentemente teria frequentado a igreja”, etc.

Muitas vezes, apesar da linguagem, o autor conta com elementos confiáveis que permitem que o leitor saiba que os fatos ocorreram de forma bastante assemelhada com a sua narrativa. Citar a fonte de informação é a maneira mais confiável de transmitir veracidade e é um dos elementos que contribui com a capacitação da biografia como documento. Em outras ocasiões, entretanto, encontramos certas “licenças poéticas”: biógrafos reconstróem diálogos, baseado em informações de fontes que não os presenciaram.



Quando conhecemos o biógrafo, sua vida profissional e suas obras, ainda que seja um conhecimento breve e restrito aos dois ou três parágrafos que falam do autor nas orelhas dos livros, e quando nos deparamos com uma bibliografia rica, densa, credível e segura, é automática a confiança que depositamos na obra e em seu conteúdo. Ainda que seja uma confiança a priori completamente passível de questionamentos no decorrer da leitura, a formação e as realizações do escritor somadas às suas pesquisas às fontes transmite uma credibilidade que tranqüiliza o leitor com a veracidade dos detalhes. Porém, reconstituir fatos reais com base em recriação literária é uma tarefa mais arriscada do que possa parecer à primeira vista e esbarra nas limitações do jornalista. Embora utilize recursos de ficção literária, o jornalista não é romancista.

Um outro ponto chamou a atenção e merece estudo: a opção de Lira Neto e Dênis de Moraes pelo texto fluente e agradável fez com que estas biografias usassem as notas de rodapé ao final do livro. São informações complementares completamente independentes do corpo do texto. Servem como uma informação extra ao leitor que queira se aprofundar. Assim, o leitor que não se preocupe em consultar notas não precisa interromper a fluência da leitura com notas no rodapé das páginas. Já Daniel Piza trabalha com a completa ausência de notas de rodapé ou qualquer indicativo explicativo que conduza o leitor à bibliografia. Não há notas explicativas no decorrer do texto nem no final do livro.

Verificamos uma preocupação ostensiva dos autores com o texto das biografias, pois é na escrita que encontramos as melhores e mais excitantes questões de pesquisa. Embora se tratem de obras densas, que chegam a tomar anos de dedicação, as biografias em questão não se pretendem definitivas. Até porque, se “biografia é o biografado segundo o biógrafo”, conforme nos afirma Vilas Boas, a mesma persona é passível de outros recortes e outras análises por parte de outros biógrafos que se dediquem ao fazer biográfico.

Não produzir ficção, entretanto, se torna quase impossível em situações onde – por mais fundo e profundo que tenha sido o mergulho do biógrafo – ele jamais consegue decifrar a totalidade do biografado. Biógrafos, como Lira Neto, Denis de Moraes e Daniel Piza preferiram apresentar um recorte da vida do biografado, evitando optar por uma totalidade impraticável que sequer caberia nas páginas de uma centena de livros. Pois, de acordo com Vilas Boas, “Biografia é o recorte de uma vida, não a vida. Dito de outro modo: ela é um arranjo de vidas a partir de fatos que levam à interpretação de uma vida” (136,137).



Lira Neto, inclusive, opta por revelar um Alencar que, ao mesmo tempo em que se desenvolvia um escritor talentoso, se delineava um atuante homem político, defensor ferrenho de seus ideais, cujas atitudes influenciaram seu tempo e o nosso. O livro já começa com a seguinte proposta: narrar a aventura de um romancista que interferiu fortemente na política ao ponto de se tornar protagonista na história nacional e um dos responsáveis pelos contornos que o país assumiria tanto cultural quanto politicamente. Ao deixar clara essa proposta o biógrafo define sua tese: evidenciar que o escritor cearense José de Alencar, consagrado por sua contribuição na formação de uma consciência literária brasileira, foi uma personagem importante na política brasileira.

Denis de Moraes traça a fisionomia intelectual de Graciliano Ramos e descreve o contexto e as circunstâncias que a definiram. A biografia desse romancista do agreste alagoano, portanto, trabalha em torno de um eixo central: o homem dentro da esfera social e o resultado disso em sua criação literária. E parte daí para identificar três questões de importância crucial na construção da fisionomia intelectual de Graciliano: a soma das experiências pessoais vivenciadas pelo biografado e a relação que este estabelecia com a práxis social de grupos fundamentais da sociedade brasileira; a abertura que Graciliano tinha para os valores da cultura nacional e universal; a relação entre a debilidade da sociedade da qual Graciliano fazia parte e a perseguição do autoritarismo político.

Daniel Piza, por sua vez, enfatiza que “a vida de Machado interessa por sua obra, e sua obra interessa por refletir o Brasil de sua época e investigar a natureza humana de sempre” (2005, p. 13). E ressalta traços marcantes e fios condutores das obras do romancista: o jogo de máscaras, a sociedade das aparências e interesses e, sobretudo, a densidade filosófica inédita que seria a característica original do biografado. O recorte da biografia de Machado de Assis é portanto a genialidade e a originalidade do romancista.

Contudo, a existência de um recorte, a nosso ver, a priori ressalta a inclinação da obra na direção da esfera literária. Ainda que a mesma seja uma literatura de não-ficção, a escolha por enfatizar uma das faces do biografado, deixando até mesmo de citar, muitas vezes, as outras faces, confirma a nossa segunda hipótese: a de que não existe um total compromisso com a habilitação da biografia como documento historiográfico. Ou seja, essa não é a finalidade ou a preocupação última da obra. Todavia, isso não a exclui da qualidade de documento. Como vimos no início, ela é um gênero híbrido que está descobrindo suas próprias especificidades.



Há sempre algum tipo de afinidade entre biógrafo e biografado. E, evidente, é o biógrafo quem escolhe a persona que irá biografar, bem como o perfil que quer recortar. Nas três biografias pesquisadas, apenas Lira Neto não dedicou um texto de apresentação assumindo a admiração ou revelando a relação existente entre ele e José de Alencar. Denis de Moraes conta que se viu intrigado com o drama da seca em *Vidas Secas* e motivado para descobrir mais sobre a vida do homem que teria conhecido de perto tal realidade. Daniel Piza também explica que a origem da relação se deve à fascinação que tinha pelo modo com o qual o romancista vivenciou acontecimentos de sua época e como driblou preconceitos e empecilhos de toda sorte. Todos, porém, afirmam ter um posicionamento de distanciamento verificando os dados com liberdade de preconceitos. Nas biografias que contém esse tipo de apresentação fica mais fácil identificar os contornos dados pelo biógrafo, uma vez que ele assume em primeira pessoa as razões, motivações e interesses que influenciaram no processo biográfico.

Outra consideração que vale a pena destacar é que a biografia humaniza o biografado. Considerar isso talvez seja de suma importância para conhecer esse modelo de jornalismo literário, sua participação na produção da história e a aceitação crescente por parte do público.

“As biografias influenciam o modo como dos leitores enxergam a natureza humana em geral, certos indivíduos em particular ou a si mesmos. [...] As pessoas extraordinárias excitam, orientam, alertam, ajudam a vivenciar o que acontece como se acontecesse conosco, dando dimensão imaginária à vida” (VILAS BOAS, 2002, p. 38 - 39).

É importante destacar que – os três casos estudados aqui – tratam-se de obras independentes, onde o biógrafo não pede licença ao biografado ou a seus herdeiros. Questões sobre o quanto um biógrafo deve revelar sobre a vida privada de seu biografado surgem em decorrência da independência de uma atividade que devassa e esmiúça a intimidade de uma pessoa viva ou morta e, conseqüentemente, de seus familiares. Essa resposta, contudo, não nos é dada pronta em algum livro ou artigo que disserte sobre o fazer biográfico. Há várias posições por parte de muitos críticos do tema. Mas nenhuma esgota as possibilidades que a questão levanta. Vilas Boas, inclusive, acredita que:

“os personagens biográficos não podem ser colocados a salvo de intempéries, sob pena de minar a credibilidade da obra. Ao contrário do que se imagina, a seleção preconcebida de informações pode até justificar o biografado, na



medida em que se oculta do leitor a pluralidade de sua persona” (VILAS BOAS, 2002, p.50).

Os acontecimentos históricos são narrados com base nos acontecimentos da vida do biografado: nascimento, morte, produção literária, casamento, etc. Como ressalta Vilas Boas (2002), numa biografia a história é pano de fundo para a vida. Por isso, verificamos que a contextualização histórica é feita para explicar ao leitor as características da sociedade em que o biografado viveu e, por meio dessas informações, tentar explicar e entender traços de personalidade, características das obras e, em certa medida, a origem do pensamento do biografado, seus gostos, paixões e desafetos.

Daniel Piza, por exemplo, realça que “foi nessa sociedade patriarcal, nesse país e nessa cidade de fachadas conciliatórias e interiores conturbados, que Machado viveu sua infância” (2005, p. 51). E acrescenta, “toda sua ficção, na verdade, traz os vestígios desse universo intenso de peças, óperas, folhetins e sociedades literárias que o Rio imperial lhe ofereceu quando, ainda adolescente, deixou sua casa” (2005, p. 74).



Referências bibliográficas

MORAES, D. **O Velho Graça**, uma biografia de Graciliano Ramo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

NETO, L. **O Inimigo do Rei**, uma mirabolante biografia de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil. São Paulo: Globo, 2006.

PIZA, D. Machado de Assis, um gênio brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

VILAS BOAS, S. V. **Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.